

MARIA LÚCIA CARVALHO

# Santo Anjo e Pão de Queijo

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2023

## Sina

Às vezes, acho uma tremenda perda de tempo ficar assentada escrevendo, quando sei que o meu jardim está inundado de ar fresco, ao sol da manhã. Por que, então, meu Deus, permaneço escrevendo, se o meu corpo quer andar lá fora entre azaleias e antúrios? Dirá Deus: — Escrevei, minha filha, tendes o corpo sábio, contudo controla-vos a cabeça viciada em palavras.

# Tudo virou pente

*Para Anajara, que também viu.*

Ninguém me contou da Querubina de Jesus, eu vi.

Cabelos em coque baixo, que ela mesma penteava com a calma de tempos idos. Chinelos de couro. Vestido de algodão, com pequenas pétalas azuis arroxeadas, lembrando um caneteiro de miosótis.

Das palavras, ela conheceu os lamentos, conheceu os risos. Não aprendeu a escrevê-las. Mas juntou-as em histórias que atravessaram montanhas.

Contou, em lamentos, sobre os filhos que viu morrer. A dor era tamanha, que a deixava acanhada. Que ninguém ouvisse os gritos que ela trazia por dentro. Que ninguém percebesse o seu desatino. Tomou o hábito de fazer doces, para distrair-se de dor insuperável. Doces de mamão verde, cortados em acetinados e generosos losangos, feitos para recompor a sua alma, consolar os que ficaram.

Quando vinha o riso, ria sem muitos cuidados. Ria com os meninos. Ria com o Izé.

Na venda, em cômodo contíguo à casa, pequeno comércio familiar, ela trabalhava de caixeira e ria. Ria, na prosa com os fregueses, enquanto pesava feijão e embrulhava nacos de carne seca. O fiado, ela guardava na cabeça, depois o Izé anotava

nas cadernetas. Ela ria, imitando as vozes dos fregueses, enquanto os identificava na lembrança, para facilitar a escrita do marido. E ria da sua insuficiência para desenhar as palavras.

Entre lamentos e risos, a Querubina de Jesus, com o barro da sua resistência, moldou gentes que aprendeu letras e palavras, sabendo delas os modos de se arranjam para contar sobre o seu viver e o seu morrer diários.

E a Querubina, por oitenta e seis anos, seguiu contando lamentos e risos, até restar somente o pente, necessária palavra ao o seu vocabulário e ao seu coque.

## Que coisa, não?

O doutor perdeu a palavra, mais tarde foi o imperador. Somente eu me compadeci deles. Regurgitei palavras e pus, aos bocados, na língua de cada um. Não foi suficiente. Eles continuaram interjetivos, reticentes...

Eu sigo, compadecida, cheia de palavras, a querer alimentá-los, mas eles não aceitam. Dizem que a dieta deles somente lhes permite meias palavras.

Vou oferecer minhas palavras inteiras em testamento.

# Cadeira no alpendre

Era mania dele ler o jornal da primeira à última palavra. Assim mesmo. Observando sistemática sequência. Não se detinha em nenhuma notícia, em nenhum artigo, em nenhuma seção. Apenas lia. Todos os dias, lia.

Depois, assentado na cadeira de ferro do alpendre, rearranjava, meticulosamente, as palavras e dava as notícias a cada transeunte, conforme intuía deles a necessidade. Foi assim por longo tempo, até emudecer definitivamente as palavras e deixar vazia a cadeira do alpendre.

Em sua lápide alguém inscreveu: Aqui jaz um grande palavrador.

# Laço verde

A mãe costurava para a menina um vestidinho de fustão verde com florzinhas brancas. A menina, a todo instante, curiosa, queria saber onde iam o laço e as preguinhas do vestido. A mãe, impaciente, não respondia. A menina chorou. Chorava sempre. As respostas de que precisava eram sempre negadas, em nome do cansaço da mãe.

A mãe pôs laço verde no vestido. A menina riu. Dormiu com o vestido e sonhou com palavras.

# Brevidade, não!

*Para Lula – 01-03-2019*

O menino comia um pequeno bolinho, uma espécie de brevidade, que a mãe chamava de pandeiro, pelo seu formato semelhante ao do instrumento musical.

Comia, assentado no estreito degrau da porta de casa, enquanto esperava a família almoçar, lá dentro. Era assim todos os dias. O menino não podia comer sal, tinha uma insuficiência renal grave. Por essa razão, comia o bolinho de polvilho, o pandeiro, em solitária refeição.

Terminado o almoço, ele entrava. A mãe, já lavando as louças, amorosa, via o menino apanhar os grãos de arroz caídos próximo ao borrarho, no fogão à lenha. Era assim todos os dias.

O menino morreu antes de completar doze anos.

Essa história me foi contada inúmeras vezes e tantas eu sofri.

Muitos anos depois, lembrando-me dessa história, pensei que pandeiro é o nome exato para um bolinho que entretém a vida e a fome, enquanto é possível ludibriar a morte. Brevidade, não. Brevidade é metalinguagem, palavra que destoa de fome e vida de meninos.



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

CONTATO  
[alves.maluc@gmail.com](mailto:alves.maluc@gmail.com)

---

## *Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em outubro de 2023.

---